

MONA NÃO DAH TRUQUE, NÃO SEJA PÃO COM OVO; VAMOS NÓS AQUENDAR NA TECNOLOGIA

Marco Aurélio de Almeida Soares¹

RESUMO

A proposta deste artigo é mostrar os meios digitais que o estudante tem usado para se comunicar com os seus pares. Busca compreender essa linguagem e levar para a sala de aula de forma interdisciplinar onde todos possam contribuir para uma formação híbrida na escola. Aqui apresentamos de forma descontraída o Bajuba, uma linguagem muito comum usada por estudantes seja ele Cis ou não binário. O uso desta linguagem está sendo muito comum nos blogs, nos quais há grande identificação de estudantes. Quanto ao acesso à informação online, há falta de conhecimento de professores para lidar com essa tecnologia. A partir dessas constatações, este artigo abordará potencialidades do uso do blog com a linguagem dos jovens para além da atividade em sala de aula.

Palavras chaves: Tecnologia. Escola. Identidade de Gênero.

MONA DOES NOT GIVE A SCAM, DO NOT BE BREAD WITH EGGS; LET'S ADJUST IN TECHNOLOGY

ABSTRACT

The purpose of this article is to show the digital media that the student has used to communicate with their peers. It seeks to understand this language and take it to the classroom in an interdisciplinary way where everyone can contribute to a hybrid formation in the school. Here we present in a relaxed way the Bajuba, a very common language used by students whether it is Cis or not binary. The use of this language is being very common in blogs, in which there is great identification of students. As for access to information online, there is a lack of teacher knowledge to deal with this technology. From these findings, this article will address the potential of using the blog with the language of young people beyond the activity in the classroom.

Keywords: Technology. School. Gender Identity.

¹ Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: hallymarco@gmail.com

INTRODUÇÃO

A escola tem passado por grandes transformações no decorrer dos últimos anos. Com a chegada da internet, o acesso à informação vem transformando a forma de ensinar.

O uso das tecnologias na educação pode ser uma estratégia interessante para um diálogo mais direto com o estudante, seja ele do ensino fundamental II ou do Médio. Muitos jovens vêm usando a internet como uma atividade extraclasse para dialogar com seus pares, expressando opiniões frente a um determinado assunto que não é usualmente discutido em sala de aula.

É uma ferramenta onde o professor pode usar como atividade extraclasse, ou até mesmo incluir no seu planejamento, assuntos como Sexualidade e Identidade de Gênero. Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN já previam a abordagem deste tema no currículo e como um tema transversal para além de uma ou outra disciplina isoladamente (como se limitar a trabalhar o tema dos sintomas das Infecções Sexualmente Transmissíveis - IST na disciplina de Biologia). Contudo, sabemos que o interesse dos estudantes pelo tema extrapola o previsto no PCN, e que estão abordando assuntos que está na sua rotina de conversas.

O uso de blogs na Educação é uma forma de usar as tecnologias educacionais digitais para levar o assunto para a sala de aula. O aluno problematiza ou levanta a questão no blog, gerando um debate com o seu meio no primeiro momento, e depois essa discussão pode ser levada para a sala, tendo o professor como mediador do debate.

O recurso pedagógico utilizado de forma interdisciplinar amplia a discussão na sala de aula, podendo ser debatido não somente no ensino de Ciências ou Biologia, indo além, perpassando pela Sociologia, Filosofia e pela Língua Portuguesa.

Essa interação faz com que as discussões sejam mais equilibradas, uma vez que houve uma identificação dos alunos em buscar dialogar através do blog, usando como manifestação de pensamento e opinião, antes de chegar na sala de aula.

Muitas vezes não há diálogo entre pais e filhos sobre a sexualidade e identidade de gênero, devido à dificuldade de comunicação ou constrangimento em conversar sobre o assunto.

A linguagem entre os seus pares é complexa sendo uma via de mão dupla e a orientação inicial sem uma orientação profissional, apenas um diálogo entre pares.

As práticas pedagógicas vêm se utilizando de produções culturais como da TV, rádio, filmes, revistas e meios eletrônicos para compreender as relações sociais já existentes na sociedade.

A mídia vem perdendo espaço para o digital, que vem ganhando produções nos quais já conta com grande identificação de pares, como os Youtubers, os quais vem atraindo mais e mais jovens.

Os comentários ou opiniões destes novos “famosos” geram uma grande repercussão no meio dos estudantes, podendo contribuir ou não na formação de opinião e construção da identidade do sujeito.

E essa construção que pretendemos discorrer nos próximos tópicos, tentando desenvolver uma visão mais contemporânea em relação a escola o estudante, imersos na cultura.

Quá - Quá o Bajubá

Quando pensamos no Currículo, na flexibilidade em dialogar com o aluno, sendo mais acessível sem deturpar uma conversa com contextos mais sofisticados, é importante ter humildade na compreensão da realidade social do aluno, que inclui sua linguagem, a qual é marcada por raça, classe, gênero, sexualidade, etnia, entre outros fatores.

Concebo currículo como todas as experiências organizadas pela escola que se desdobram do conhecimento escolar. Incluo no âmbito do currículo, assim, tanto os planos com base nos quais a escola se organiza, como a materialização desses planos nas experiências e relações vividas por professores e alunos no processo de ensinar e aprender conhecimentos. Nesta perspectiva, o professor encontra-se necessariamente comprometido com o planejamento e com o desenvolvimento do currículo (MOREIRA, 2001, p.68).

A proposta de dialogar com os estudantes através da mídia e dos aplicativos como what's, blogs entre outros é de suma importância para criar um vínculo entre professor e estudante, sendo uma possibilidade de trabalhar de forma interdisciplinar.

Em uma perspectiva crítica de currículo, o projeto de uma cultura comum pode contribuir, como afirma Gimeno Sacristán (1998), para a igualdade de oportunidades, sendo referencial de

qualidade mínima exigida. Para tal, afirma o autor, a deliberação sobre o currículo deve ser democrática e não deve pretender definir a prática ou seus conteúdos em todos os detalhes (LOPES, 2006, p.135).

A ideia de dialogar de forma interdisciplinar usando um currículo comum para entender e compreender o estudante, tendo uma visão extraclasse que pode ser discutida no segundo momento na sala de aula contribuiu para a interação entre professor e aluno.

Abordar temas que são discutidos pelos estudantes em seus blogs é a oportunidade em fortalecer o currículo. Esse debate sobre gênero e sexualidade pode ser o tema gerador de um debate interdisciplinar que impulsiona a leitura de diferentes autores como Meyer (2000), Scott (1995), Louro (2004) entre outros.

Nós fazemos o currículo e o currículo nos faz. O currículo é, pois, uma atividade produtiva nesses dois sentidos. Ambos os sentidos chamam a atenção para seus vínculos com relações de poder” (SILVA, 1995, p.194).

Oportunizar esse empoderamento do estudante em tratar a sexualidade partindo do seu ponto empírico, sem a intermediação do professor é uma forma de estreitar o vínculo nas abordagens e discussões em sala de aula.

Seria uma forma de o estudante ensinar o professor sobre o Bajubá, uma linguagem incorporada no cotidiano dos estudantes para conversar sobre sexualidade.

Essa desconstrução de valores é um aprendizado para ambos que diversifica o currículo, estimulando os estudantes para pesquisar na web autores que dialogam sobre a sexualidade e compreender o seu eu perante seu grupo.

O diálogo entre estudante e professor através dos meios é um crescimento para ambas as partes. O professor não tem acesso ao Bajubá na universidade, esta que é uma linguagem usada pelo estudante periférico para reforçar o seu empoderamento perante o seu grupo.

Essa construção de um currículo usando como base os anseios dos alunos e desenvolvendo um amplo diálogo entre aluno e professor, desmistifica a escola criando uma “humanização” nas relações vivenciadas nela.

O currículo formando através de demandas oriundas de um blog onde os estudantes propõem discutir gênero e sexualidade sem a mediação de um professor e levar essa questão para a sala de aula e fazer a inclusão de temas que geralmente não são feitos em sala ou até mesmo na família pode ser uma forma de aproximar os alunos da escola.

Equê, vamos fritar a Pintosa

Construir um blog para buscar compreender a sexualidade é pensar numa aproximação de múltiplas identidades que compõem o gênero que não encontramos expressas na escola tradicional e conservador. Precisamos ampliar a visão de aprendizagem.

Somente por uma simplificação do processo de aprendizagem o ensino pode se aceitar níveis de desempenho como tradução de aprendizagem. Portanto, a elevação desses níveis não representa necessariamente uma proposta de ampliação significativa do conhecimento pela criança. Mais distante ainda fica de se relacionar à alteração na condição subalterna dos sujeitos, que deveria ser a principal finalidade de um processo democrático de escolarização (ESTEBAN e FETZNER, 2015, p78)

A sexualidade discutida num blog é a aproximação de termos que não são usados na sala de aula. Faz um grande sentido nos meios de convívios do estudante para se referir ao outro. Estimula o estudante a trabalhar em grupo, a interagir, pesquisar os significados das palavras desconhecidas por alguns, e até mesmo o sentido de sexualidade. Muitos acreditam que ela fica restrita apenas ao beijo, abraço, sexo e nudez.

O blog pode fornecer a desconstrução de discriminação, com as discussões que proporcionam diferentes visões de sexualidade.

A construção do significado da sexualidade, é uma questão abrangente, não necessariamente associada ao sexo, pode ser abordada como relação com o corpo, gênero, identidade de gênero (heterossexual, homossexual, bissexual etc....).

O estudante tem uma grande carência em compreender a sexualidade como gênero ficando apenas no contexto sexual. Discutindo a temática através do Blog podemos desconstruir conceitos e assimilar novos conceitos.

A abordagem da sexualidade é apenas lembrada quando o estudante passa pelas mudanças físicas decorrentes do processo de formação do novo corpo saindo de uma fase infantil, indo para a adolescência.

Um processo que gera dúvidas, onde a comunicação é feita por signos, de compreensão apenas nos guetos do estudante, que busca compreender questões simples de cotidiano.

SIGNIFICANTES	SIGNIFICADOS
A TIA AIDS	Estar com a doença.
ALCANHA	Pênis, mas fala-se principalmente quando da relação sexual.
ALIBÃ	Policial.
AQUËNDAR	Olhar; verificar; pegar.
BABADO	Fofoca ou pode significar algum acontecimento
BOFE	Homem bonito.
BORDAR A NENA	Quando na relação sexual o “passivo” defeca no pênis do companheiro.
CATAR	Pegar uma conversar no “ar”.
DESERDAR O LÍRIO	Mijar.
EQUÊ	Mentira.
FRESCAR	Agir de modo exibicionista; agir de modo “gay”
FRITAR	Divertir-se; agitar-se
GAY DE BUCETA	Mulher que assume trejeitos gays e que fala, inclusive, o bajubá
GÜANTO	Preservativo.
LHEGUE-LHEGUE	Variação das “quá-quás”.
MATÍ	Pequeno
OTIM	Bebida alcoólica.
PÃO-COM-OVO	Homossexual pobre; Diz-se das bibitas que não tem condições financeiras para comer na rua e levam um pão com ovo para comer na condução, na viagem de volta para casa depois da balada; Refere-se àquela bicha de moral baixa, sem escrúpulos nem dignidade e com lapsos de caráter
PINÇA	Ser ativo na relação sexual.
PINTOSA	Que a com trejeitos femininos.
QÜALIRA	Gay; viado; bicha (usado no Maranhão).
QUÁ-QUÁ	Faladeiras e/ou que contam muito “bafo”.
TRUCADAS OU BOY	Que agem de forma masculinizada.
TRUQUE	Disfarçar; pode significar, também, montagem; arrumar-se.

Fonte: Dicionário².

Essa linguagem, lembra Bauman (2001) quando fala da questão do “pertencimento à identidade”. Nesse contexto pode – se dizer que esse estudante da periferia consegue compreender a linguagem utilizada e se comunicar.

² <https://iblogay.wordpress.com/2013/02/19/conheca-as-gurias-do-mundo-gay/> consultado em 28 de fevereiro de 2018.

É a oportunidade de discutir esse dialeto de forma interdisciplinar demonstrando interesse em compreender o estudante da periferia e o estudante desta periferia consiga se identificar com uma escola inclusiva.

[...] Fanon reconhece a importância que tem para os povos colonizados recobrar suas narrativas reprimidas e afirmar as tradições culturais, mas não nega os perigos que isso acarreta: o perigo da fixação e do fetichismo das identidades na recordação do passado e, portanto, a conseqüente homogeneização do tempo presente como necessidade de uma experiência comum, obrigatória e sem salvação para todos os membros de um de grupo (SKILAR, 2003 p.110).

Essa reflexão leva a não aceitar a repressão culturalmente difundida em posturas higienistas às expressões que vinham sendo empurradas para os guetos da periferia. A inclusão dessas expressões que encontramos graças à era digital pode ser trabalhada na escola.

Babado, Catar na rede

Estamos deixando o século passado para viver na nova era. Era esta da globalização digital, onde temos vários aplicativos que nos auxiliam no cotidiano social e nos causam algumas dificuldades operacionais.

Não podemos deixar de pensar numa era onde a educação está em constante mutação, numa metamorfose cultural, tão ágil que muitos não conseguem acompanhar os estudantes em todos os níveis de ensino, principalmente o da educação de básica, incluindo a educação Infantil.

Parece que crianças já nascem com um tablet na mão, bem diferente das gerações do século passado que viveram uma transição árdua, com a chegada da internet.

Podemos fazer uma comparação que os professores que estão chegando nas escolas estão mais flexíveis. Com a educação digital na escola, e o convívio nas redes digitais, há uma aproximação com Software e aplicativos que os estudantes estão usando.

A educação está se flexibilizando ou se agregando a novas tecnologias. Não podemos deixar de usar os aplicativos em sala de aula. A junção estudante e tecnologia na escola é importante para a construção de um currículo mais contemporâneo.

Dessa forma, a Educação se torna um processo de troca de ações que constroem conhecimento e não apenas o reproduzem,

buscando utilizar as novas tecnologias como aliadas ao combate a uma sociedade desigual e excludente. Desenvolver um currículo que permita tais mudanças torna-se primordial na escola que deseja realizar este trabalho (FREITAS, 2011, P.09).

Levando em conta os anseios dos estudantes, não podemos deixar de considerar o contexto social onde está inserido o estudante, sendo de suma importância conhecer o meio onde ele está inserido e dialogar com o estudante.

O ambiente de ensino e de aprendizagem que consegue pensar além do muro da escola, com uma proposta político-pedagógica e com participação dos estudantes é mais adequado para que haja aprendizagem.

Com um processo onde se forma professores que consiga dialogar com os estudantes de uma forma mais contemporânea, usando o recurso tecnológico no qual o estudante está conectado.

Os tradicionais modelos de formação de professores não conseguem abarcar as possibilidades abertas pelas redes digitais, especialmente o contexto da chamada Web 2.0. Frente a esses desafios, alguns grupos estão construindo alternativas socializadas e discutidas para poderem se fortalecer e contribuir com os processos de formação pelo país a fora (BONILLA, 2011, p.10).

A web está cada vez mais acessível para todos. Agora cabe ao professor se adaptar a nova tecnologia e usar essa ferramenta em sala de aula, trazer - lá para a sala de aula.

A linguagem da web na qual o jovem está inserido deve ser a utilizada na sala de aula, gerando discussões transversais e interdisciplinares, fortalecendo o conhecimento empírico com o dito científico.

Cabe ao professor se adaptar à nova era e buscar obter um conhecimento em relação aos anseios dos estudantes, mediando o conhecimento.

As discussões extra sala sempre estão atreladas na sala de aula. Usar o cotidiano do aluno com as informações obtidas nas mídias digitais é muito importante para a formação do estudante como um todo.

CONCLUSÃO

Estamos num processo de transformação numa sociedade repleta de hibridismos, com diferentes atores com diferentes histórias, e contextos sociais. A inclusão da tecnologia na escola é muito importante desde que o professor saiba trabalhar com ela.

Cabe ao professor estimular e flexibilizar o currículo para inserir questões do cotidiano deste estudante que vive numa sociedade líquida em transformação.

O estudante do século XXI é o jovem que veio ao mundo no início de 2000, com pensamentos mais contemporâneos, tendo acesso a informações que o jovem do século passado demoraria dias para obter.

Um professor que pensar somente no seu meio sem ampliar o seu conhecimento, ou seja, as questões atuais no caso hoje da sexualidade e a identidades de gênero, é um professor que nunca vai conseguir ter uma boa interação com o aluno.

O professor deve saber o que está acontecendo e ter um posicionamento, nas questões sociais e contemporâneas. Deve conhecer o e aplicativo e tentar mostrar que a sociedade hoje é profundamente digital.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BONILLA, Maria Helena Silveira. **Formação de professores em tempos de WEB 2.0**. In: FREITAS, Maria Tereza de Assunção (Org.). **Escola, Tecnologias Digitais e Cinema**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011.
- ESTEBAN, Maria Teresa, Fetzner, Andréa Rosana, **A redução da escola: a avaliação externa e o aprisionamento curricular**. Educar em Revista [en línea] 2015, [Fecha de consulta: 27 de febrero de 2018] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155042190006>> ISSN 0104-4060
- FREITAS, Adriano Vargas e LEITE, Ligia Silva. **Com giz e Laptop: concepção a integração e políticas publicam de informática**. Rio de Janeiro; Wak Editora, 2011.
- HALL, Stuart. **Identidade culturais na pós - modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (Improvável) da diferença: se o outro não estivesse aí ?**; Tradução LESSA Giane. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995-2000): avanços, desafios e tensões. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 65-81, set./out./nov./dez. 2001.
- SILVA, Tomaz Tadeu. Currículo e identidade social: territórios contestados. In. SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995. (190-207)

LOPES, Alice Casimiro e MACEDO, Elizabeth. Quem defende os PCN para o Ensino Médio?. In (Orgs) LOPES, Alice Casimiro e MACEDO, Elizabeth. **Políticas de currículo em múltiplos contextos**. São Paulo: Cortez, 2006. – Série cultura, memória e currículo, v. 7, p. 126 – 158.